

# REFLEXÕES SOBRE A EVOLUÇÃO DA PSICOGÊNESE DA LEITURA E A DA ESCRITA.

Milena Chacon Seranini<sup>1</sup>

Orientador: Dr. Gilmar Alves Montagnoli<sup>2</sup>

Coorientadora: Dr.<sup>a</sup> Rubiana Brasílio Santa Bárbara<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho aborda a evolução psicogenética da escrita em crianças brasileiras. A pesquisa foi respaldada nas teorias de Jean Piaget (1971) e nas pesquisas de Emília Ferreiro e Giovana Cristina Zen (2022). A pesquisa contempla a compreensão dos processos psicogenéticos que influenciam a aquisição da escrita, os quais se comparam com as experiências de crianças de outros países. Objetiva-se identificar e descrever os processos psicogenéticos do desenvolvimento e aprendizagem da escrita, além de analisar os níveis evolutivos da escrita em crianças brasileiras, comparando-os com os dados coletados em estudos anteriores realizados no México e em Lisboa, Portugal. Esse intento foi alcançado através de revisão bibliográfica, que sucedeu em analisar pesquisas anteriores sobre a psicogênese da escrita. A pesquisa indica que os níveis psicogenéticos identificados anteriormente em crianças da língua espanhola também manifestam algumas características em crianças brasileiras. O estudo contribui para ampliação do entendimento sobre o desenvolvimento da escrita no contexto brasileiro, ressaltando a importância de considerar as especificidades culturais e linguísticas na educação. As descobertas oferecem conteúdo para a elaboração de práticas pedagógicas adaptadas às necessidades das crianças brasileiras, promovendo um ensino que atenda às suas particularidades no processo de alfabetização.

**Palavras-chave:** Psicogênese da escrita. Alfabetização. Níveis evolutivos.

## ABSTRACT

**Summary:** This study focuses on the psychogenetic evolution of writing in Brazilian children. The research is grounded in the theories of Jean Piaget (1971) and the studies by Emília Ferreiro and Giovana Cristina Zen (2022). It examines the psychogenetic processes that influence writing acquisition, comparing them with the experiences of children from other countries. The main objective is to identify and describe the psychogenetic processes involved in the development of writing, as well as to analyze the evolutionary levels of writing in Brazilian children, comparing them with data from previous studies conducted in Mexico and Lisbon, Portugal. This goal

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup> Possui graduação em Pedagogia e História, Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). É professor adjunto no Departamento de Teoria e Prática da Educação (DTP/UEM) e integrante do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEI-UEM).

<sup>3</sup> Doutora em Educação e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá-Pr (UEM), professora efetiva da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) da cidade de Campo Mourão.

was achieved through a bibliographical review, which analyzed prior research on the psychogenesis of writing. The findings indicate that psychogenetic levels previously identified in children who speak Spanish also manifest, with some variations, in Brazilian children. The study contributes to a broader understanding of writing development in the Brazilian context, highlighting the importance of considering cultural and linguistic specificities in education. The results offer valuable insights for the development of pedagogical practices tailored to the needs of Brazilian children, fostering literacy approaches that address their unique characteristics.

**Keywords:** Writing psychogenesis. Literacy. Evolutionary levels.

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Piaget (1971), sob a ótica da teoria psicogenética do desenvolvimento, o conhecimento se concentra na ação do indivíduo ou na forma como o desenvolvimento de sua capacidade mental pode ser construído ou adaptado. Nesse sentido, o problema da aprendizagem e do desenvolvimento se assentaria sobre as estruturas processuais do conhecimento em sua totalidade. A aprendizagem ocorre por meio de mediação do sujeito, ou seja, a aprendizagem é provocada, não uma ação espontânea. Desse modo, Piaget (1971) enfatiza que o desenvolvimento explica a aprendizagem, pois a conduz a uma estrutura de conhecimento única.

A linguagem escrita é uma temática abordada em diversas áreas e perspectivas distintas, mas partimos da psicogênese abordada por Jean Piaget (1987), Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979), entre outros. Para que a habilidade de escrita se desenvolva, é essencial compreender os processos psicogenéticos envolvidos na aquisição da escrita, aos quais a criança se associa desde o momento em que é reconhecida como um sujeito de direitos na sociedade.

Nas obras de Jean Piaget (1987), ele aborda a teoria da origem do conhecimento e como este se desenvolve. O ser humano passa por diversos processos de evolução durante sua vida, dentre eles os desenvolvimentos mentais, considerados processos contínuos de construção. Dessa forma, diversas estruturas podem variar de acordo com as características de cada faixa etária, ajustando-se ao nível de desenvoltura intelectual correspondente.

Piaget (1967) divide a estrutura mental em dois paradigmas, que são denominados estrutura variável, que por sua vez são responsáveis por organizar as atividades mentais que englobam aspectos motores, afetivos ou intelectuais sendo ela

na individualidade ou em momentos coletivos. Contrapondo o termo anterior as estruturas invariáveis são associadas as funções de proveito as quais não mudam com o nível da mentalidade.

Campelo (2015) destaca que a perspectiva construtivista piagetiana, defendida por Teberosky e Colomer (2003), sustenta que, para compreender um conhecimento, é necessário reconstruir sua gênese, considerando todas as etapas de seu desenvolvimento, ainda que isso implique a adoção de aprendizados não convencionais.

Em pesquisa realizada por Ferreiro e Teberosky (1979), as autoras elucidam que a teoria construtivista estrutura o ensino da escrita a acompanhar o desenvolvimento cognitivo das crianças. Ao comparar os níveis evolutivos da escrita de crianças do Brasil, do México e de Lisboa, Portugal, entende-se que há semelhanças e diferenças específicas, o que enriquece o entendimento sobre as influências culturais e linguísticas no desenvolvimento da escrita.

Isto posto, esta pesquisa objetiva identificar a evolução psicogenética da escrita em crianças brasileiras, analisando os dados da pesquisa realizada por Emília Ferreiro e Giovana Cristina Zen (2022). Além disso, pautar-nos-emos em outros estudos adjacentes.

Em *Psicogênese da língua escrita*, Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979), exploram o desenvolvimento do conhecimento sobre a escrita nas crianças. Por meio de estudos e observações, as autoras analisaram a construção das compreensões sobre a língua escrita, considerando as interações do indivíduo com o ambiente e suas experiências de leitura e escrita. Elas defendem a ideia de que, antes mesmo de ingressar na escola, o sujeito já formula hipóteses sobre o código escrito.

Tendo em vista o exposto, moldamos os objetivos específicos: 1) identificar e descrever os processos psicogenéticos da aquisição da escrita, visando uma compreensão das etapas e características desse desenvolvimento; 2) analisar e caracterizar os níveis evolutivos da escrita, comparando com as pesquisas realizadas com crianças no México e em Lisboa, Portugal, com o intuito de identificar especificidades no desenvolvimento da língua escrita no contexto brasileiro. As investigações buscam compreender como esses processos ocorrem de maneira particular no Brasil, considerando as características da língua portuguesa e o desenvolvimento cognitivo infantil.

As autoras Emília Ferreiro e Giovana Cristina Zen, no artigo *Desenvolvimento da escrita em crianças brasileiras* (2022), explicam e comparam os níveis de escrita em diferentes países, analisando as etapas de evolução da escrita em crianças brasileiras em relação às descritas para crianças estrangeiras. O estudo revela tanto semelhanças fundamentais quanto diferenças específicas entre os contextos analisados.

As descobertas sobre a evolução psicogenética da escrita em crianças brasileiras contribuem para uma compreensão mais aprofundada do processo de alfabetização. Elas evidenciam a importância de reconhecer e respeitar as especificidades linguísticas e culturais na educação, proporcionando um ensino mais eficaz e adaptado às necessidades das crianças.

Para alcançar o objetivo da pesquisa, uma pesquisa de revisão bibliográfica, a partir dos estudos de Emília Ferreiro e Giovana Zen, é necessária. Através das pesquisas, foi possível perceber a necessidade de explorar o processo evolutivo da escrita sob uma perspectiva psicogenética, que vai além das abordagens tradicionalistas e metodológicas.

À vista disso, este estudo é categorizado como pesquisa bibliográfica, a qual se concentra na compreensão aprofundada, na interpretação e na análise de fenômenos. Este enfoque procura explorar contextos e perspectivas múltiplas, muitas vezes empregando técnicas como entrevistas, observações e análises de conteúdo. O propósito principal é adquirir um entendimento detalhado dos fenômenos em estudo, ao invés de generalizar resultados (Godoy, 1995). Compreender esse processo é, portanto, essencial para reconhecer que a aprendizagem ocorre de maneira única e peculiar para cada sujeito, respeitando suas características individuais.

Seguindo esses pressupostos, a pesquisa será dividida em dois momentos. Em um primeiro momento, busca-se identificar e descrever os processos psicogenéticos da aquisição da escrita, visando uma compreensão das etapas e características desse desenvolvimento. Em um segundo momento, examina-se os níveis evolutivos da escrita em crianças brasileiras, comparando-os com os níveis descritos em espanhol e em Lisboa, Portugal, na pesquisa realizada por Emília Ferreiro e Giovana Cristina Zen (2002), com o intuito de compreender as especificidades no desenvolvimento da língua escrita em crianças brasileiras.

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade de explorar a abordagem da evolução psicogenética da língua escrita, indo além da abordagem tradicionalista e focada apenas em metodologias. Este processo é crucial para compreender o desenvolvimento cognitivo infantil e as fases de aprendizagem. Para a elaboração desta pesquisa, justifico meu interesse pessoal em estudar essa temática. Permitam-me discorrer em primeira pessoa do singular. Ao longo de minha trajetória no curso de pedagogia na Universidade Estadual de Maringá, realizei estágios obrigatórios que me proporcionaram um contato direto com os desafios e práticas do ambiente escolar. Durante esses estágios, percebi as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação em relação ao ensino da escrita.

Há uma grande discussão sobre quais métodos devem ser utilizados em sala de aula, e percebo que, apesar das contribuições das autoras citadas na pesquisa, muitos educadores ainda têm um conhecimento limitado sobre essas teorias. A identificação das fases e períodos de escrita é essencial para o desenvolvimento cognitivo da aprendizagem. Através desta pesquisa, busco, portanto, analisar e entender como aplicar, de maneira eficaz, os conhecimentos teóricos das autoras em sala de aula, visando contribuir para a prática pedagógica e aprimorar o ensino da escrita.

Nesse sentido, acreditamos colaborar com as discussões e reflexões sobre o tema abordado para a ampliação dos estudos sobre a evolução psicogenética da escrita, a oferecer fundamentação teórica para as práticas educacionais que atendam às necessidades das crianças brasileiras.

## **1 COMPREENDENDO OS PROCESSOS PSICOGENÉTICOS DA AQUISIÇÃO DA ESCRITA: ETAPAS E CARACTERÍSTICAS**

No ano de 1980, ocorreram diversas mudanças no cenário do Brasil e da América Latina no que diz respeito à alfabetização inicial. A partir de uma visão construtivista, Emília Ferreiro, englobada nesse contexto histórico, dirigiu suas pesquisas para uma reflexão sobre a alfabetização, cujo movimento resultou em uma profunda discussão entre os estudiosos da temática. Esse movimento envolvido por Emília Ferreiro se tornou a base para transformar e romper com paradigmas sobre as compreensões da alfabetização (Azenha, 2000, p. 42).

A evolução psicogenética da escrita é um tema amplamente estudado em diversas línguas, com destaque para o espanhol, conforme descrito por Ferreiro e Teberosky (1979). O livro *Psicogênese da língua escrita* (1979) trouxe um novo olhar sobre o processo de aquisição da leitura e da escrita. Essa obra abrangeu a perspectiva de que as crianças constroem conhecimentos sobre a escrita de maneira ativa, passando por diferentes estágios antes de se apropriarem da escrita convencional.

De acordo com (Azenha 2000, p. 42), a essência do construtivismo não reside em ser um método. Pelo contrário, consiste em questionar profundamente as concepções que tradicionalmente sustentavam as práticas de ensino de leitura e escrita.

Partindo desse pressuposto, o Construtivismo propõe uma visão teórica para questionar práticas tradicionais que aplicam métodos pré-determinados, como o uso de cartilhas, como método único e generalista de ensino (Soares, 2018).

As pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1979) expuseram a compreensão de que as perspectivas tradicionalistas tratavam a alfabetização como um processo de memorização de letras e sílabas. Em contraposição, defendiam que a construção do conhecimento ocorre a partir do desenvolvimento único de cada criança, de acordo com sua evolução psicogenética.

Com estudos aprofundados, a autora Schirmann (2019) analisou as teorias desenvolvidas por Jean Piaget sobre as fases do desenvolvimento humano, os quais descrevem como as crianças constroem seu conhecimento e passam por diferentes processos de desenvolvimento mental, são eles sensório motor, pré-operacional, operacional concreto e operações formais.

Segundo a teoria de Piaget (1971), a importância de cada estágio do desenvolvimento está relacionada à formação humana e ao papel específico que desempenha, já que todos os estágios se interligam para construir as habilidades e os conhecimentos que servirão de base para o próximo nível de desenvolvimento.

A autora Schirmann (2019) explica que, para que os quatro estágios possuam uma formação completa, é necessário compreender os três eixos desse processo de formação do desenvolvimento, isto é, a adaptação, a assimilação e a acomodação, os quais, juntos, formam o equilíbrio para base de sustentação da teoria.

Considerando o cenário brasileiro, essa abordagem teve um impacto significativo, influenciando decisões no sistema educacional, especialmente em São Paulo, com trabalhos importantes liderados por Telma Weisz (1999).

Nessa perspectiva, a também contribuir com o panorama brasileiro, Ferreiro e Teberosky (1979) propuseram uma teoria construtivista baseada nos estudos de Jean Piaget, identificando diferentes níveis de compreensão que as crianças passam à medida que desenvolvem suas habilidades de escrita e leitura.

Em *Psicogênese da língua escrita*, obra elaborada por Ferreiro e Teberosky (1979), é abordado detalhadamente cada um dos níveis, que vão desde a concepção pré-silábica até a concepção alfabética. A criança, entretanto, perpassa por outros níveis, como silábico, silábico alfabético e ortográfico.

A construção dos níveis é representada por períodos que descrevem a sequência de desenvolvimento da escrita, conforme destacado nas pesquisas das autoras.

Seguindo esse paradigma, temos a representação icônica e não icônica, considerado o primeiro período. Neste estágio, as crianças aprendem a diferenciar as representações de imagens dos objetos que estas representam. Simultaneamente, começam a compreender que as representações não icônicas, como letras, números e sinais, não possuem uma relação direta com os objetos, mas têm significados abstratos (Mendonça; Mendonça, 2011).

O segundo período aborda a construção de formas de diferenciação e controle progressivo das variações no eixo qualitativo denominado (diferentes formas e grafias) e, no eixo quantitativo, denomina-se a quantidade de grafias. Os dois períodos são nomeados de fase pré-linguística ou pré-silábica, referindo-se ao estágio em que a criança não assimila as letras a sons específicos de forma consistente (Mendonça; Mendonça, 2011).

No terceiro período, a criança inicia o processo de atribuição dos sons às letras, nomeado de fonetização da escrita. Neste período, inicia-se a escrita silábica, na qual a sílaba é representada por uma unidade sonora da língua maior do que o som e menor do que a palavra. Em seguida, tem-se a escrita alfabética, na qual as letras representam fonemas individuais de maneira mais concreta (Mendonça; Mendonça, 2011).

Compreendemos que a evolução da psicogenética depreende um processo que possui vários níveis e períodos, que são essenciais para a construção efetiva da escrita dessa criança. Segundo a autora Ferreiro (1985), o processo de aprendizagem da escrita permite que a criança inicialmente siga a “hipótese silábica”; dessa forma, a sílaba é a menor unidade de escrita. No entanto, essa construção se transforma a partir das experiências proporcionadas pelo contato com a leitura e a escrita, contrastando com a ideia de que a criança, inicialmente, não compreende plenamente o significado ou a lógica por trás da formação das palavras. Contudo, para a criança, o processo não se torna fácil, mas requer uma destreza para compreender a mudança de sentido das sílabas; nesse novo modelo, precisa-se reconhecer que as sílabas são compostas de unidades menores: as letras.

O período silábico-alfabético é uma fase de transição da escrita. A criança passa a recriar as formas de formar palavras; suas hipóteses silábicas começam a ter novos sentidos, momento em que se entende que as letras são os blocos da construção silábica. Quando a criança compreende esse sistema, isto é, que a escrita é formada por letras, ela passa a avançar no processo de alfabetização (Ferreiro, 1985).

Para a autora, nesse próximo momento, entende-se que as sílabas são formadas por mais de uma letra, o que aponta, na perspectiva quantitativa, os iniciais erros ortográficos. A descoberta seguinte é a de que as letras podem representar sons diferentes em contextos distintos ou que o mesmo som pode ser representado por diversas letras. Isso significa que há o entendimento de que a correspondência entre sons e letras não é direta e pode variar.

Ao longo de 2019, Giovana Zen e Emília Ferreiro (2022) realizaram uma pesquisa intitulada *Desenvolvimento da escrita em crianças brasileiras*. O estudo envolveu entrevistas com mais de 111 crianças, com idades entre 4 e 6 anos, residentes em São Francisco do Conde, Bahia. A análise centrou-se na evolução psicogenética da escrita, examinando, portanto, a escrita e a compreensão das cinco primeiras palavras.

A investigação do estudo (2022) mostrou que os níveis psicogenéticos anteriormente identificados em espanhol (Ferreiro, 2001b) ressurgem neste estudo: pré-fonético, silábico e alfabético como níveis fundamentais e silábico inicial e silábico-alfabético como níveis intermediários. Para a abordagem da pesquisa, foi utilizado o

sistema fonetizante, que se refere à análise dos elementos sonoros da fala, isto é, a unidades como sílabas e fonemas.

Durante o estudo, Ferreiro e Zen (2022) percebem uma diferença entre a língua espanhola e o português brasileiro - as crianças tendem a usar letras consoantes precocemente, independentemente de terem ou não correspondência sonora direta. As autoras concluíram, por conseguinte, que isso se deve à maior diversidade de vogais no PB, o que cria uma assimetria em relação às vogais escritas que não existem no espanhol.

Ferreiro e Teberosky (1974) defendem, nesse escopo, a ideia de que a psicogenética da escrita é um campo de estudo que se concentra na evolução do comportamento de escrita das crianças e na maneira como elas constroem o conhecimento sobre a linguagem escrita ao longo do tempo. Esse estudo é influenciado também pelos trabalhos de Jean Piaget e sua teoria do desenvolvimento cognitivo.

Seguindo a mesma perspectiva, as autoras abordam as práticas alfabetizadoras e discussões sobre métodos de alfabetização. Para elas, os métodos são heterogêneos, pois, apesar de bem-definidos, não garantem que as práticas dos profissionais da educação sejam idênticas.

A aplicação prática desses métodos pode variar de acordo com a adaptação individual de cada profissional, o qual molda os planejamentos de acordo com suas experiências e a concepção teórica sobre a alfabetização em que acredita. Outros fatores que podem interferir neste processo são o meio em que se está inserido e as necessidades individuais de cada criança no ambiente escolar. Tende-se, portanto, à heterogeneidade, o que se reflete em uma diversidade de abordagens dos educadores em sala de aula.

Telma Weisz (1999), em seu estudo, destacou a alternância dos métodos analítico e sintético, alternância essa que constituiu a história brasileira em momentos “tradicionais” e outros “inovadores”. A partir da denominação “construtivista”, a autora destaca que os métodos se tornam questionáveis por objetivarem o ensino e não a aprendizagem. Sendo assim, a autora compreende que o eixo de debate deixa de ser o método indispensável para se consolidar a aprendizagem do sujeito. Essas implicações resultam em um movimento de efeitos negativos, passa a ser discutida e abordada a “desmetodização”.

Sob essa ótica, Soares (2010) aponta que não pode se aplicar apenas um método em um ciclo de aprendizagem, pois a alfabetização não pode ocorrer sem a prática simultânea da leitura e da escrita, por meio do letramento e do uso da tecnologia da escrita. Para que uma criança se integre plenamente no mundo da escrita, é essencial, portanto, que a alfabetização e o letramento aconteçam de maneira conjunta e inseparável (p. 24).

Soares (2010) também destaca que a alfabetização e o letramento são processos multifacetados, cada um com suas características específicas. Assim, a criança desenvolve essas habilidades dentro dos contextos da alfabetização e do letramento. Em outras palavras, a autora argumenta que não existe um único método de ensino, mas, sim, diferentes objetos de estudo, que, devido às suas naturezas distintas, exigem teorias e métodos diversos.

Nesse ínterim, segundo as autoras Zen, Molinari e Soto (2024), no Brasil, essa abordagem impactou significativamente o sistema educacional, especialmente em São Paulo, influenciado por Telma Weisz (1999). Estudar essa temática contribui, em vista disso, para a elaboração de políticas educacionais, respeitando as particularidades do português brasileiro, como a nasalidade, abordada por Ferreira e Zen (2022).

Zen, Molinari e Soto (2024) confirmam que, no Brasil, ocorreram muitas implicações no sistema brasileiro de alfabetização; ao analisar os dados (PISA), comprova-se que o Brasil se posiciona em um ranking muito inferior a outros países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD). As autoras indicam que, entre os países avaliados, o Brasil ocupa a 52ª posição entre 81 países no requisito leitura (OECD, 2023). Por este motivo, são os profissionais da educação alfabetizadora que continuam firmando as colaborações da perspectiva psicogenética construtivista.

Campelo (2015) estabelece uma relação com a chamada "pré-história da linguagem escrita", fundamentando-se nas teorias de Teberosky e Colomer (2003). Essas teorias, de forma inovadora, ofereceram uma nova interpretação sobre o tema. A autora alega que as releituras feitas contrastam as concepções condutistas e construtivistas de ensino da escrita. Os condutistas acreditam que é necessário o treinamento de algumas habilidades pré-requisito antes da "verdadeira" aprendizagem, o que analisaremos mais profundamente em outro momento.

## 1.1 Psicogênese da escrita: Análise dos níveis do desenvolvimento linguísticos

Em *Desenvolvimento da escrita em crianças brasileiras*, Ferreiro e Zen (2022) elucidam e comparam os níveis de escrita em diferentes países; o principal objetivo da pesquisa é analisar a evolução psicogenética da aquisição da escrita em crianças brasileiras com foco nas particularidades do português brasileiro (PB), em especial as características da nasalidade.

A necessidade da pesquisa surgiu após um estudo realizado durante a década de 1970 por grandes estudiosas da psicogenética da escrita - Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Susana Fernández, Ana Maria Kaufman, Alicia Lenzi e Liliana Tolchinsky. A pesquisa foi realizada com crianças falantes do espanhol para compreender e apresentar o modelo que é conceituado durante o processo de aprendizagem de escrita e leitura (Zen; Molinari; Soto, 2024).

A pesquisa levantou um questionamento que se refere às mudanças fundamentais na maneira de pensar e entender as concepções tradicionais sobre o processo de aprendizagem da escrita e da leitura das crianças (Ferreiro, 1985).

Partindo desse pressuposto, os achados da investigação de Ferreiro e Zen (2022) indicam não apenas os desafios das concepções tradicionais sobre a alfabetização, mas propõem uma nova reflexão para a valorização da criança como centro do seu processo de aprendizagem.

Para tanto, foram entrevistadas 111 crianças estudantes da rede pública de ensino, ao longo de 2019, localizada no Município de São Francisco do Conde, situado na região metropolitana de Salvador, no estado da Bahia. O estudo se iniciou selecionando 33 crianças na faixa etária de 4 anos; 38 com 5 anos (pré-escola) e 40 com 6 anos (1º ano do ensino fundamental). As entrevistas foram realizadas no início e no final do ano letivo, com o intervalo de 6 meses cada, totalizando 222 entrevistas.

Segundo Ferreiro e Zen (2022), a entrevista era abordada com um ditado de nove palavras do mesmo campo semântico; no artigo, será apresentada a análise das cinco primeiras, sendo ela dois trissílabos e três dissílabos. As palavras apresentadas pelas autoras consistem em uma lista de bichos, as quais são as seguintes: tucano, jabuti, peru, mico e pombo, seguidas por quatro palavras do mesmo campo semântico, porém três são monossílabas.

As entrevistas foram realizadas de forma individual com cada criança. Além das crianças, participaram dois adultos: um atuando como entrevistador e o outro como observador. De acordo com Ferreiro e Zen (2022), as entrevistas foram feitas de forma gravada em áudio e transcritas individualmente pelo observador. Para manter a veracidade e o detalhamento de cada entrevista, a transcrição foi revisada em seguida pelo entrevistador.

A partir dos dados coletados, na seção de análise e discussão de dados, Ferreiro e Zen (2002) apresentam uma abordagem detalhada sobre a evolução psicogenética da escrita em crianças.

Os níveis de evolução psicogenética da escrita, identificados por Ferreiro (2001a), em estudos com crianças mexicanas, correspondem, de forma semelhante, aos resultados encontrados na pesquisa sobre crianças brasileiras (Ferreiro; Zen, 2022). Na pesquisa, é possível observar que, para identificar os níveis, é necessário analisar o processo de elaboração e interpretação que as crianças realizam de suas próprias escritas durante a leitura.

A pesquisa utiliza o termo “Fonetizante”, o qual denomina os aspectos sonoros da fala, incluindo a unidade analítica, como sílabas e fonemas. Essas configurações sonoras, segundo Ferreiro e Zen (2022), são basilares para a compreensão das mensagens que possuem as sílabas tônicas ou do tom interrogativo.

Os níveis identificados na pesquisa descrevem a classificação cognitiva que corresponde a um período de desenvolvimento psicogenético em que as propriedades da escrita são reconhecidas.

Os níveis evolutivos básicos são três: Pré-fonetizante (denominação mais correta que Pré-silábico), Silábico e Alfabético. O Silábico Inicial e Silábico-Alfabético são níveis intermediários porque não se caracterizam pelo esforço de reorganização cognitiva que define o Silábico e o Alfabético. O nível Pré-fonetizante, por sua vez, corresponde a um longo período no qual as propriedades da escrita são consideradas, no entanto, desvinculadas das variações sonoras na emissão oral propriamente ditas (Ferreiro; Zen, 2022, p. 5).

Na análise realizada por Ferreiro e Zen (2022), observa-se que, durante o desenvolvimento da criança, todos os aspectos quantitativos e qualitativos que englobam as produções das crianças devem ser colocados em consideração. Inicialmente, nota-se uma ausência de controle quantitativo, que gradualmente evolui para o domínio de uma quantidade mínima de letras necessária para que a escrita seja compreensível.

Em crianças brasileiras, geralmente, evidencia-se a utilização de três letras por palavra quando tentam realizar a escrita; em alguns casos, pode ocorrer uma tentativa de repetição de quantidade mínima de letras para todas as palavras ao realizar a tentativa de escrita (Ferreiro; Zen, 2022).

As autoras Ferreiro e Zen (2022) destacam que as primeiras exposições ocorrem durante a evolução do eixo qualitativo; o primeiro que se destaca é a não repetição da mesma letra em posições próximas; em segunda instância, seria a presença de variações de palavras escritas. Ou seja, quando a seleção de letras é limitada, a criança tem a possibilidade de reorganizar as posições das letras para se encaixar neste padrão.

A exigência de uma mínima quantidade de letras reflete uma habilidade cognitiva que designa a capacidade fundamental de distinguir elementos que fazem parte de uma totalidade; inicialmente, é o conjunto total que se torna interpretável, enquanto a compreensão das partes ocorre de forma gradual (Ferreiro; Zen, 2022).

De acordo com a pesquisa, no caso do uso das sílabas, há autonomia sonora:

As únicas partes destacáveis do enunciado, por terem autonomia fônica, são as sílabas. Os cortes silábicos não precisam ser ensinados. Surgem durante a evolução, como resposta a diferentes situações comunicativas. Justificar o que está escrito com uma leitura silábica é uma grande conquista. Durante a leitura da própria escrita pode acontecer que a criança descubra que faltam letras e as adicione, ou vice-versa. Essas letras podem ou não ser pertinentes. Estamos falando de letras pertinentes e não de letras corretas, como será visto mais adiante no caso das vogais (Ferreiro; Zen, 2022, p. 5).

Nessa perspectiva, Ferreiro e Zen (2022) apontam que a evolução da escrita começa quando a criança troca uma letra por uma sílaba; duas letras por duas sílabas, resultando no início das reflexões alfabéticas.

No período silábico-alfabético essas duas considerações coexistem, de modo que algumas letras recebem uma interpretação silábica e outras são apenas parte de uma sílaba. A proporção entre umas e outras é variável (Ferreiro; Zen, 2022, p. 5).

De acordo com suas explicações, as vogais nasais são escritas dentro da mesma sílaba. Já as vogais nasalizadas são aquelas que absorvem a nasalidade da consoante presente no início da sílaba seguinte. Sendo assim, no conjunto das cinco primeiras palavras do ditado utilizado para avaliar o nível de escrita das crianças do estudo, as autoras Ferreiro e Zen (2022) elegem um exemplo da palavra com vogal nasal – pombo - e um exemplo de palavra com vogal nasalizada - tucano.

As autoras destacam, também, o exemplo de uma das crianças da pesquisa, que traduz a solução que as crianças trazem para suas avaliações (Ferreiro; Zen, 2022).

[...] Daniel (6a; e2) escreveu TUCANNO e quando questionado pela entrevistadora sobre a repetição da letra N, respondeu que um N é do A e o outro N é do O. Ana (4a; e2) escreveu UAAO para tucano e leu (tu-ca-no) apontando para AA enquanto pronunciava 'ca'. A entrevistadora então questionou a repetição da letra A e Ana respondeu: precisa de dois 'a' para fazer 'am'. Outro caso interessante é o de Sofia (5a; e2) que escreveu silabicamente TÂU para tucano. Quando questionada sobre o til no A de tucano, ela respondeu que era o mesmo A de 'são', referindo-se ao nome do município – São Francisco do Conde. Além disso, Sofia escreveu RTÂN para ratazana e ÆR para rã, palavras não analisadas aqui (Ferreiro; Zen, 2022, p.10).

Em relevância à temática, as autoras deixam claro que, na linguagem ortográfica, disponibiliza-se duas formas de representar as vogais nasais, utilizando, então, as letras M ou N e o til (~). As pesquisadoras alegam que as crianças entrevistadas encontram soluções gráficas diversas e utilizam da repetição da mesma vogal para tanto (Ferreiro; Zen, 2022).

Após a análise e a discussão dos dados dos níveis de evolução psicogenética da linguagem escrita, a partir das pesquisas realizadas por Ferreiro e Zen (2022), no Brasil, iremos expor uma comparação entre os dados coletados em outros países, por outros pesquisadores, como Martins (1994) em Lisboa, Portugal, e Ferreiro (2001a) no México.

Na pesquisa de Ferreiro e Zen (2022), entende-se que a evolução da escrita reflete a progressiva interação entre os aspectos discutidos acima. Esse desenvolvimento comprova uma complexidade cognitiva envolvida na construção da linguagem escrita, marcada pela evolução, portanto, dos níveis alfabéticos.

Na primeira entrevista, temos a seguinte situação:

- No grupo de 4 anos, há apenas 3 crianças com escritas do nível Silábico; todos as outras são Pré-fonetizantes.
- No grupo de 5 anos, todos os níveis estão representados, exceto o nível Alfabético.
- No grupo de 6 anos, todos os níveis também estão representados, incluindo nove casos do nível Alfabético. Portanto, embora não tenhamos controlado os níveis iniciais, a distribuição observada corresponde ao esperado nessas faixas etárias. Na segunda entrevista, seis meses depois, a distribuição muda da seguinte forma:
- No grupo de 4 anos, todos os níveis estão representados, exceto o Alfabético.
- No grupo de 5 anos, todos os níveis estão representados, com forte presença do nível silábico.
- No grupo de 6 anos, não há respostas pré-fonetizantes ou silábicas iniciais. O detalhe dessa distribuição se observa no quadro a seguir (tabela 1) (Ferreiro; Zen, 2022, p. 6).

A tabela 1, a que se referem as autoras, é exposta a seguir:

**Tabela 1:** Relação entre entrevistas 1 e 2, segundo a pesquisa de Ferreira e Zen (2022)

**Tabela 1:** Relação entre entrevista 1 e entrevista 2 (n=222)

N=222	4a e1	4a e2	5a e1	5a e2	6a e1	6a e2	TOTAL
<b>PRÉ-FONETIZANTES</b>	30	25	19	6	8	0	<b>88</b>
<b>Silábicas Iniciais</b>	0	1	8	4	6	0	<b>19</b>
<b>SILÁBICAS</b>	3	6	8	15	2	3	<b>37</b>
<b>Silábicas-Alfabéticas</b>	0	1	3	9	15	9	<b>37</b>
<b>ALFABÉTICAS</b>	0	0	0	4	9	28	<b>41</b>
<b>TOTAL</b>	<b>33</b>	<b>33</b>	<b>38</b>	<b>38</b>	<b>40</b>	<b>40</b>	<b>222</b>

Fonte: Ferreira; Zen (2022).

Segundo a pesquisa elaborada por Martins (1994), os níveis evolutivos encontrados sugerem o progresso no desenvolvimento da escrita em crianças nativas de Lisboa, Portugal. A pesquisa foi realizada com 130 crianças de 5 anos e 8 meses em maio, com abrangência de 10 jardins de infância da região de Lisboa. Contudo, dessas 130 crianças, 11 crianças se negaram a escrever, o que levou a pesquisadora a excluí-los dos dados, totalizando, portanto, 119 crianças estudadas.

A análise dos dados permite-nos distinguir três grupos: um primeiro, grupo A, em que a escrita não é ainda determinada por critérios linguísticos; um segundo, grupo B, em que estes critérios começam a orientar os escritos, e em que a unidade do oral que é representada na escrita é a sílaba, sendo arbitrária a letra escolhida para a representar; um terceiro, grupo C, em que a análise do oral pode ir além da sílaba, mas fundamentalmente em que as letras escolhidas não são arbitrárias (Martins, 1994, p. 56).

**Tabela 2:** Dados das relações entre os 3 grupos sobre a linguagem escrita pesquisados por Martins (1994)

GRUPO	CARACTERÍSTICA	QUANTIDADE DE CRIANÇAS
GRUPO A	ESCRITA NÃO DETERMINADA POR CRITÉRIOS LINGUÍSTICOS	21
GRUPO B	ESCRITA É ORIENTADA POR HIPÓTESE LINGUÍSTICA	37
	FONETIZAÇÃO DA ESCRITA	61
	NÍVEIS DE ESCRITA	QUANT CRIANÇAS
	SILÁBICO	23
	SILÁBICO-ALFABÉTICO	26
GRUPO C	ALFABÉTICO	12
TOTAL DE CRIANÇAS ENTREVISTADAS		119

Fonte: Martins (1994).

A pesquisa de Martins (1994) apresenta que a criança possui percepções diversas sobre a linguagem escrita; algumas não conseguem relacionar a escrita à fala, enquanto outras começaram a utilizar critérios linguísticos para suas produções, como associar sílabas a letras específicas. No que se refere às representações sonoras, algumas crianças tentam representar sons das palavras utilizando letras convencionais, o que demonstra um certo nível de compreensão entre a relação do som e a escrita.

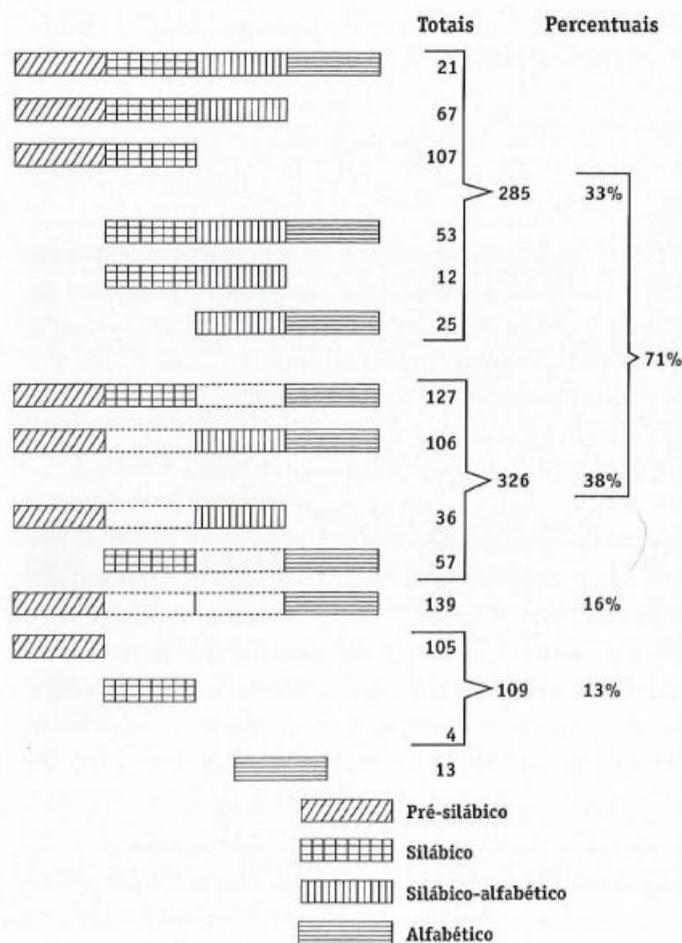
Nesse sentido, a pesquisadora Emília Ferreiro (2001a) realizou uma pesquisa sobre os níveis evolutivos da psicogenética da escrita no México, a qual abrangeu crianças pertencentes à região da capital do país, Monterrey, Mérida. Na pesquisa, os distritos selecionados foram das escolas com maior porcentagem de fracasso escolar (crianças repetentes ou que se evadiram da escola).

Começamos a pesquisa com 959 crianças no primeiro mês de atividades escolares (setembro 1980). Estas crianças foram acompanhadas longitudinalmente até junho de 1981 com entrevistas individuais a cada dois meses ou dois meses e meio (levantamos também dados de observação). Finalizamos o trabalho com 886 dessas mesmas crianças. Do complexo conjunto de tarefas elaboradas para identificar mudanças nas concepções infantis, vamos referir-nos, aqui, apenas à evolução das produções escritas feitas pelas próprias crianças (Ferreiro, 2001a, p. 85).

Emília Ferreiro (2001), em sua pesquisa, destacou quatro sistemas ordenados de escrita, o que chamamos de pré-silábico; silábico; silábico alfabético; alfabético. Para realizar a comparação dos padrões evolutivos, a autora elaborou uma tabela com os dados obtidos da pesquisa.

**Tabela 3:** Dados evolutivos pesquisados por Emília Ferreiro (2001)

**TABELA 1**  
**Padrões evolutivos**



Regressões = 3  
 % calculadas sobre N = 862  
 (875-13)

Fonte: Ferreiro (2001a).

Os dados obtidos por Ferreiro (2001a) são preocupantes, como a autora mesmo demonstra; pois grande parte das crianças ainda não está devidamente preparada para ingressar no 1º grau, como indica a pesquisa. Segundo Ferreiro (2001a), 80% das crianças necessitariam de auxílio para conseguir alcançar o nível alfabético.

A crítica realizada pela autora Ferreiro (2001) impacta e se reflete na maneira como é sistematizado o desenvolvimento da escrita.

Para todos eles, o desenvolvimento da leitura e escrita é um processo construtivo. A informação disponível, inclusive a informação sistemática propiciada pela escola, é apenas um dos fatores intervenientes. Se as crianças testam, com tanto esforço, diversas hipóteses estranhas a nosso modo de pensar, por alguma razão há de ser. Apesar das práticas escolares, seu problema não é

compreender tal ou qual regra de correspondência sonora, tal ou qual escrita isolada. Seu problema é compreender a natureza do sistema de escrita que a sociedade lhes oferece. Para compreendê-lo enquanto sistema estão obrigadas a reconstruí-lo internamente, em vez de recebê-lo como um conhecimento pré-elaborado (Ferreiro, 2001, p. 91-92).

De acordo com Ferreiro (2001), essa perspectiva tece críticas e propõe reformulações às práticas pedagógicas, promovendo um ambiente educacional que valorize as experiências e as compreensões iniciais dos alunos, resultando em um aprendizado coerente.

Para Ferreiro e Zen (2022), após realizar as análises das particularidades do português brasileiro, em comparação com a pesquisa realizada por Ferreiro (2001), no México, percebe-se semelhanças e divergências nas características fonológicas e na escrita infantil. Uma delas, que podemos exemplificar, está nos núcleos silábicos: em ambas as línguas, observa-se a presença de escrita silábica.

No espanhol, Zen e Ferreiro (2022) explicam que é comum o uso de núcleos silábicos que seguem uma estrutura mais estável; da mesma forma, na investigação do português brasileiro, foram identificados casos em que as crianças apresentam estruturas semelhantes, como demonstrado nas escritas de uma das crianças.

Ray, 5 anos, e1: AUI (lê ja-bu-ti), UEA (tu-ca-no), BU (pe-ru), IU (mi-co), EUA (pombo). Na primeira palavra que escreve todas as vogais são pertinentes. No segundo dissílabo (mico), também são. Nas demais, é variável. Passa de três letras para duas, mas volta ao mínimo de três na última palavra. Mas, ao contrário do espanhol, são casos raros. O mais frequente é que usem letras consonantais, e isso em todos os níveis (Ferreiro; Zen, 2022, p. 7).

As análises de Ferreiro e Zen (2022) indicam que, no desenvolvimento da escrita, tanto em português brasileiro quanto em espanhol, crianças que frequentam a escola desde cedo tendem a apresentar níveis silábicos em sua escrita. Para as autoras, esse resultado é esperado, considerando o constante contato dessas crianças com práticas de produção e interpretação de textos escritos.

Além disso, a perspectiva sobre a estabilidade das vogais é uma das diferenças entre o português brasileiro e o espanhol. Podemos observar que, em espanhol, há cinco vogais orais correspondendo a cinco letras. Em português brasileiro, cinco vogais possuem um nasal para cada letra, sendo que o “e” e “o” têm duas variantes fonológicas, gerando uma assimetria que não existe em espanhol. De acordo com as autoras, essa diferença pode explicar o uso precoce de letras consoantes no português brasileiro, que ocorre com ou sem pertinência sonora (Ferreiro; Zen, 2022).

## 2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho considera importante consolidar as reflexões acerca da evolução psicogenética em crianças brasileiras, partindo da perspectiva do estudo realizado por Ferreiro e Zen (2022). A pesquisa objetivou identificar e descrever os processos de aquisição da escrita, fundamentando-se em teorias de Jean Piaget (1971), Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979), entre outros autores, fundamentais para o entendimento da teoria psicogenética da escrita.

A partir das análises realizadas das pesquisas de Ferreiro e Zen (2022), Ferreiro (2001) e Martins (1994), foi possível concluir que os processos de desenvolvimento da escrita nas crianças perpassam diversas fases, as quais não refletem apenas o aprendizado individual, mas os influenciam para os contextos culturais e linguísticos.

Dessa forma, respondendo às questões norteadoras desta pesquisa, os resultados mostraram que as crianças passam por níveis evolutivos específicos, como pré- fonético, silábico e alfabético. As evoluções das etapas demonstram como o conhecimento é construído progressivamente; para além, a pesquisa evidenciou que, embora existam semelhanças entre os processos de alfabetização no Brasil e em outros países, como México e Portugal, as particularidades da língua portuguesa e o contexto educacional brasileiro exigem um olhar atento e adaptativo para as características da língua (PB) e para o desenvolvimento cognitivo infantil.

Portanto, a pesquisa indica que não basta apenas o reconhecimento da importância da psicogênese na compreensão do desenvolvimento da escrita, mas também que se considere o espaço para diálogo contínuo entre teoria e prática na formação de educadores, visando contribuir, significativamente, para o aprimoramento das diversas metodologias de ensino da escrita no Brasil.

Dessa forma, ressaltamos a necessidade de pesquisas futuras que abordem a temática sob diferentes perspectivas, incluindo a aplicação prática das teorias em sala de aula e o desenvolvimento de metodologias ativas que respeitem e incluam as especificidades individuais de cada criança no contexto brasileiro.

### Referências:

AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo: de Piaget a Emília Ferreiro**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CAMPELO, Maria Estela Costa Holanda. Psicogênese da língua escrita: referência fundamental para a compreensão do processo de alfabetização. **Revista Educação em Questão**, v. 53, n. 39, set./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8801>. Acesso em: 02 dez. 2024.

FERRACIOLI, L. Aprendizagem, desenvolvimento e conhecimento na obra de Jean Piaget: uma análise do processo de ensino-aprendizagem em Ciências. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 80, n. 194, 1 jan. 1999.

FERREIRO, Emília. A representação da linguagem e o processo de alfabetização. In: FERREIRO, Emília (org.). **Reflexões sobre alfabetização**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 2001a.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001b.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da linguagem escrita**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1979.

FERREIRO, Emília; ZAMUDIO, Celia. A escrita das sílabas CVC e CCV no início da alfabetização escolar: a omissão de consoantes e uma prova da incapacidade para analisar a sequência fônica? In: FERREIRO, Emília. **O ingresso na escrita e na cultura do escrito: seleção de textos de pesquisa**. Tradução de Rosana Malerba. São Paulo: Cortez, 2013. p. 219-246.

FERREIRO, Emília; ZEN, Giovana Cristina. Desenvolvimento da escrita em crianças brasileiras. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 18, n. 49, 2022. DOI: 10.22481/praxisedu.v18i49.10975.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. São Paulo: Pioneira, 1995.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022: alfabetização: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3108/cd\\_2022\\_alfabetizacao.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3108/cd_2022_alfabetizacao.pdf). Acesso em: 10 abr. 2024.

MARTINS, Margarida Alves. **Conceptualizações infantis sobre a linguagem escrita e aprendizagem da leitura**. 1994. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4044/1/Margarida%20Alves%20Martins.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2024.

MENDONÇA, Onaide Schwartz; MENDONÇA, Olympio Correa de. Psicogênese da língua escrita: contribuições, equívocos e consequências para a alfabetização. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Pró-Reitoria de Graduação. Caderno de formação: formação de professores: Bloco 02: Didática dos conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. v. 2, p. 36-57. (D16 - Conteúdo e Didática de Alfabetização). Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40138>. Acesso em: 2 dez. 2024.

MENDONÇA, Onaide Schwartz; MENDONÇA, Olympio Correa. **Psicogênese da língua escrita: contribuições, equívocos e consequências para a alfabetização**. Faculdade de Ciências e Tecnologia – Departamento de Educação, UNESP/Presidente Prudente; Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/Assis; Faculdades Adamantinenses Integradas/Adamantina. São Paulo, 1974.

OECD. Organization for Economic Co-operation and Development. PISA 2022 Results (Volume I): The State of Learning and Equity in Education. Paris: OECD, 2023. Disponível em: <https://www.oecd.org/publication/pisa-2022-results/#pisa2022results/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

PIAGET, Jean. A teoria de Piaget. In: MUSSEN, P. H. (org.). **Psicologia da criança**. Desenvolvimento cognitivo. São Paulo: E.P.U., 1975. v. 4, p. 71-117.

SCHIRMANN, Jeisy Keli et al. Fases de desenvolvimento humano segundo Jean Piaget. In: **VI Congresso Nacional de Educação**. Centro de Convenções de Pernambuco, 2019.

SOARES, M. A entrada da criança no mundo da escrita: o papel da escola. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações pedagógicas para os anos iniciais**. Curitiba: Seed-PR, 2010.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WEISZ, Telma. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Ática, 1999.

ZEN, Giovana Cristina; MOLINARI, María Claudia; SOTO, Arizbeth. A construção da escrita no português brasileiro a partir da perspectiva psicogenética construtivista. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 20, n. 51, p. e14871, 2024. DOI: 10.22481/praxisedu.v20i51.14871. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/14871>. Acesso em: 2 dez. 2024.